

A FORMAÇÃO PELA PALAVRA: O LEGADO INTELECTUAL DE ÂNGELA VAZ LEÃO

Regina Maria Gonçalves Mendes (PUCMinas)

regimari@gmail.com

RESUMO

A biografia de Ângela Vaz Leão revela uma trajetória marcada pela escuta crítica, pelo compromisso com a linguagem e pela valorização da literatura como espaço formativo. Nascida em Formiga (MG), consolidou sua atuação acadêmica em Belo Horizonte, onde formou gerações de estudantes com uma pedagogia pautada no afeto, no rigor e na mediação ética do conhecimento. Suas pesquisas dialogam entre o medieval e o contemporâneo, aproximando textos antigos de vozes atuais com sensibilidade e profundidade. Como tradutora e organizadora de obras coletivas, construiu pontes entre culturas, tempos e sujeitos, destacando especialmente os discursos afro-lusófonos. A sala de aula, para Ângela, nunca foi cenário estático, mas território fértil de formação e transformação. Seu legado se inscreve em práticas que reafirmam a linguagem como gesto político e ético, e a escuta como fundamento do ensino, da pesquisa e da construção de sentidos.

Palavras-chave:

Escuta Crítica. Ângela Vaz Leão. Construção de Sentidos.

ABSTRACT

Ângela Vaz Leão's biography reveals a trajectory marked by critical listening, commitment to language and the appreciation of literature as a formative space. Born in Formiga (MG), she consolidated her academic work in Belo Horizonte, where she trained generations of students with a pedagogy based on affection, rigor and ethical mediation of knowledge. Her research dialogues between the medieval and the contemporary, bringing ancient texts closer to current voices with sensitivity and depth. As a translator and organizer of collective works, she built bridges between cultures, times and subjects, especially highlighting Afro-Lusophone discourses. The classroom, for Angela, has never been a static scenario, but a fertile territory for training and transformation. Her legacy is inscribed in practices that reaffirm language as a political and ethical gesture, and listening as the foundation of teaching, research and the construction of meanings.

Keywords:

Critical Listening. Ângela Vaz Leão. Construction of Meanings.

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo delinear, de forma crítica e contextualizada, a trajetória intelectual e profissional de Ângela Vaz Leão, cuja atuação como docente, tradutora, pesquisadora e organizadora

de obras coletivas se inscreve de maneira significativa no campo das Letras e da Educação no Brasil. Ao transitar entre diferentes práticas discursivas, da análise textual à mediação pedagógica, da tradução literária à curadoria acadêmica. Sua produção revela uma consciência ética e estética profundamente comprometida com os processos de formação humana e com o diálogo intercultural.

Partindo da leitura de textos medievais, obras canônicas da lusofonia e contribuições contemporâneas de autores africanos e brasileiros, Ângela construiu um percurso marcado pela escuta ativa e pela atenção aos gestos poéticos e pedagógicos da linguagem. Sua interlocução com múltiplas tradições literárias e filosóficas refletia um modo singular de compreender a língua como espaço simbólico de construção de sentido, de memória e de alteridade.

Assim, este estudo biográfico busca não apenas sistematizar os marcos da atuação de Ângela Vaz Leão, mas, sobretudo, compreender a articulação entre suas escolhas teóricas e seus gestos profissionais, revelando o papel que ela desempenhou na constituição de práticas educativas que valorizam a pluralidade de vozes e o rigor do pensamento crítico. Ela cresceu em um contexto de transformações em que percebeu desde cedo, o poder da educação como instrumento de mudança e emancipação.

Os livros publicados por Ângela Vaz Leão, que refletem sua atuação nas áreas de linguística, literatura, tradução e formação docente são os seguintes:

Obras Publicadas por Ângela Vaz Leão

Título	Ano	Temática principal
<i>O Período Hipotético Iniciado por “Se”</i>	1961	Linguística e sintaxe
<i>Henriqueta Lisboa: O Mistério da Criação Poética</i>	2004	Crítica literária e poesia brasileira
<i>Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, o Sábio: Aspectos Culturais e Literários</i>	2007	Literatura medieval e estudos culturais
<i>História de Palavras</i>	2012	Léxico, filologia e relações entre o popular e o erudito
<i>Um Apólogo: de Machado de Assis em Seis Vozes (com Lúcia Fulgêncio e Melânia Silva)</i>	2015	Literatura brasileira e leitura crítica
<i>Milagres de Ressurreição nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X</i>	2021	Tradução e análise de textos medievais

Círculo Aluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Título	Ano	Temática principal
<i>Cantigas Autobiográficas de Afonso X, o Sábio</i> (com Fransmarina Assunção e Carolina Antunes)	2016	Literatura medieval e identidade textual
<i>Sociedade e Atualidade</i> (com Aluísio Pimenta)	2000	Ensaaios sobre cultura e sociedade
<i>José Lourenço de Oliveira – Legado e Testemunhos</i> (com Johnny José e Samuel Moreira)	2006	Homenagem e análise biográfica
<i>Novas Leituras, Novos Caminhos</i>	2009	Formação docente e práticas de leitura
<i>Contatos e Ressonâncias: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa</i>	2004	Literatura africana e lusofonia
<i>Os Gregos</i> (com Amauri Carlos Ferreira)	2002	Estudos clássicos e cultura grega

Fonte: Elaboração da autora.

Essas obras mostram a diversidade e profundidade da produção intelectual de Ângela Vaz Leão, sempre marcada pela escuta crítica, pela valorização da linguagem e pelo compromisso com a formação humana. Mais do que uma coleção de textos, seu percurso bibliográfico constitui um tecido narrativo em que se entrelaçam diferentes áreas do saber da filologia à literatura africana, da crítica poética à tradução de textos medievais, revelando uma autora que recusa fronteiras e acolhe múltiplas vozes.

Cada obra carrega a assinatura de uma leitura sensível e rigorosa, em que o gesto de escrever se confunde com o de escutar: escutar o passado, as ausências, os murmúrios de culturas silenciadas e os ecos que ainda reverberam no presente. Sua escrita não busca apenas interpretar o mundo, mas transformar a maneira como o mundo pode ser escutado e compreendido. Nessa tessitura, a linguagem torna-se meio de encontro, e a produção intelectual, uma forma de cuidado ético com o outro e com a memória.

A trajetória universitária de Ângela Vaz Leão constitui um marco na história da educação superior brasileira. Atuando com excelência como docente, pesquisadora e gestora, ela contribuiu para a consolidação de projetos pioneiros, a formação de múltiplas gerações de profissionais e o desenvolvimento de abordagens éticas e interdisciplinares no campo das Letras.

A seguir, apresenta-se uma linha do tempo que organiza os principais momentos de sua atuação em instituições de ensino superior, evidenciando o compromisso contínuo com a escuta, com a formação hu-

manizadora e com o fortalecimento da linguagem como espaço de encontro entre saberes, culturas e sujeitos. Mais do que datas, este percurso registra o impacto de uma presença intelectual que permanece como referência viva na educação, na pesquisa e na cultura.

Linha do Tempo Acadêmica – Ângela Vaz Leão

Período	Instituição	Atuação / Contribuições
1959–1987	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	- Docente na Faculdade de Letras (FALE) - Fundadora e 1ª diretora da FALE - Criadora da 1ª pós-graduação em Letras - Professora de Filologia Românica e Língua Portuguesa
1988–2021	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)	- Professora titular na pós-graduação em Letras - Pesquisadora das literaturas africanas de língua portuguesa - Orientadora de dissertações e teses - Coordenadora de projetos interdisciplinares
Décadas de 1980–1990	Universidade do Oeste de Minas (hoje UNIFOR-MG)	- Apoio à estruturação da universidade - Homenagem com nome da Biblioteca Professora Ângela Vaz Leão

2. Raízes e vozes iniciais

Nascida na cidade de Formiga, no interior de Minas Gerais, Ângela Vaz Leão cresceu entre paisagens onde a palavra já revelava seus múltiplos sentidos; ora como afeto, ora como reflexão. Mais tarde, foi em Belo Horizonte, cidade onde viveu a maior parte de sua vida, que ela consolidou sua formação intelectual e se fez presença marcante no cenário acadêmico, literário e educacional. Nesse deslocamento geográfico entre o interior e a capital, revelou-se também um trajeto simbólico: do gesto familiar da escuta à construção de uma escuta crítica sensível que marcaria seu percurso como professora, tradutora e pesquisadora. Suas formações na infância e juventude aguçou nela o despertar para o mundo das letras e da escuta onde ela percebia que toda palavra possui origem afetiva.

Na casa onde cresceu, os livros tinham lugar de permanência, não apenas de consulta, eram parte da paisagem cotidiana, posicionados entre afazeres, memórias e silêncios familiares. Nesse ambiente, a formação não se restringia a práticas escolares construídas nos gestos simples da

rotina doméstica. A convivência com figuras docentes e leitores ávidos fez de sua infância um espaço de escuta contínua, onde o pensamento se insinuava não como imposição, mas como convite.

Ali, aprender era verbo que se conjugava em várias vozes: nas leituras compartilhadas que se estendiam para além das páginas; nas conversas à mesa, onde perguntas valiam mais que respostas; nos relatos de quem ensinava com os olhos, com os silêncios e com o afeto. Os cadernos, embora presentes, eram apenas uma das superfícies do saber. A formação se dava entre gerações, entre narrativas, entre as pausas e os encantamentos que brotavam quando a linguagem se tornava vínculo.

Ampliou sua formação através das experiências escolares, em instituições que valorizavam o ensino crítico e humanista. Ainda jovem, Ângela demonstrava inclinação para a leitura literária, com predileção por autores clássicos, mas também por vozes poéticas que escapavam às margens. A distinção entre o texto escrito e o sentido vivido começou a se desenhar aí, preparou o caminho para seu modo singular de pensar a linguagem como experiência.

Ao entrar na Universidade Federal de Minas Gerais, não escolheu somente um curso, escolheu uma travessia. Os estudos em Letras a colocaram diante de tradições literárias, teorias da linguagem e práticas pedagógicas que tocavam diretamente suas problematizações: como formar sujeitos por meio da escuta? Como fazer da linguagem um gesto ético?

Ainda estudante, aproximou-se de áreas como latim, linguística histórica, literatura portuguesa e tradução, campos que moldaram sua atuação futura e revelaram sua vocação interdisciplinar. Foi nesse período que os primeiros ensaios começaram a ser escritos, e que o interesse por obras medievais se entrelaçou com preocupações pedagógicas contemporâneas.

Mais que uma pesquisadora promissora de escuta intelectual, ela começava a se construir como uma escutadora de vozes. Não apenas as dos autores que lia, mas as vozes invisíveis dos estudantes, das línguas esquecidas, dos silêncios entre os discursos. Escutava o que não era dito e, ao fazê-lo, reconhecia que a linguagem também se manifesta nas ausências, nas hesitações, nas entrelinhas. Essa escuta, que acompanha toda sua produção, é sua marca de origem: o fio condutor de uma trajetória que se fez menos por afirmações retóricas e mais por gestos delicados de leitura do mundo.

Sua trajetória acadêmica foi menos uma ascensão e mais uma escavação cuidadosa dos sentidos que habitam a linguagem, que dormem sob camadas de história, poder e esquecimento. Ela não escalou estruturas: ela desceu aos subterrâneos do dizer, em busca de rastros, murmúrios, palavras desautorizadas. Entre ruínas e reconexões, edificou uma prática que valoriza o que ainda não teve chance de ser plenamente ouvido.

3. Entre a Sala de Aula e o Silêncio Crítico

A atuação de Ângela Vaz Leão como docente não se limitou à transmissão de saberes. Ela transformou o espaço da sala de aula em território de escuta, presença e formação crítica. Ao longo de sua trajetória como professora em instituições públicas e privadas, construiu uma pedagogia que se alimentava da atenção ao outro, da ética da palavra e da profunda consciência sobre os gestos do ensinar.

Desde seu início como educadora, compreendeu o ambiente escolar não como palco da autoridade, mas como espaço de encontro, um lugar de presença sensível. Cada aula era concebida como uma cena dialógica, em que o texto literário, os sentidos históricos da linguagem e as experiências dos estudantes se entrelaçavam. Ela não ensinava apenas conteúdos, ensinava modos de ler o mundo.

O silêncio não era ausência para ela, mas um método, pois um silêncio atento, crítico, precedia o gesto da fala e que permitia ao estudante reconhecer suas próprias perguntas. Em suas práticas pedagógicas, o ato de escutar precedia o ato de orientar, revelando uma professora que confiava na autonomia interpretativa de seus interlocutores.

Em sua docência, ela sempre se equilibrou entre o afeto e a exigência intelectual. Textos complexos eram apresentados com clareza, mas sem simplificação excessiva; autores silenciados pelo cânone eram inseridos nas aulas com o mesmo respeito dedicado aos clássicos. Seu método combinava a escuta com o rigor, e isso, transformava a sala em um espaço de formação integral.

Para ela, a formação de leitores consistia em formar cidadãos capazes de compreender a linguagem como ferramenta de inclusão, resistência e expressão subjetiva. Ao privilegiar temas como oralidade, ancestralidade e diversidade literária, sua atuação docente tornava-se também

um gesto político: ensinar era desvelar o mundo e habilitar a transformação.

Portanto, ela nunca foi cenário estático, mas sim, um território fértil onde a escuta, a linguagem e a crítica formam sujeitos capazes de pensar com autonomia e sensibilidade. A sala de aula, em sua prática, transformava-se em espaço de travessia onde não apenas se ensinava conteúdos, mas se cultivavam inquietações, se acolhiam vozes emergentes, e se despertava o olhar ético diante do mundo. Os textos, longe de serem aplicados mecanicamente, eram escutados como provocações: ofereciam não apenas significados, mas possibilidades de leitura de si e do outro. Nessa tessitura entre palavra e silêncio, entre ensino e escuta, Ângela Vaz Leão forjava um modelo de formação intelectual que ultrapassava o academicismo técnico, apostando numa pedagogia que transforma, afeta e mobiliza.

4. Vozes que atravessam o tempo: Leituras do medieval ao presente

Ângela Vaz Leão desenvolveu uma escuta crítica, marca essencial da trajetória, encontrou nas literaturas medievais um campo fértil de diálogo com o presente. Para ela, os textos antigos não habitam apenas o passado. Eles tensionam o tempo, inquietam o leitor contemporâneo e revelam traços profundos da condição humana. Ao estudar a tradição literária dos séculos XII a XV, ela construiu pontes entre temporalidades, fazendo com que a linguagem arcaica reverberasse em perguntas atuais.

Ao mergulhar em cantigas, autos e tratados, Ângela não se limitou à análise filológica: ela leu escutando. A escuta crítica, aplicada aos textos da Idade Média, uma prática que revela sentidos éticos, estéticos e políticos, muitas vezes negligenciados pelos olhares cronológicos. Ela ensinou que cada manuscrito é também uma paisagem de vozes de mulheres, trovadores, místicos, reis e poetas e que nelas se encontram os ecos do que ainda somos.

Um dos eixos centrais de sua atuação foi o trabalho como tradutora de textos medievais. Traduzir, para Ângela, foi escutar o texto com respeito, reescrevê-lo sem violentar sua historicidade, e oferecê-lo ao leitor atual como uma janela para refletir sobre si e seu tempo. Suas traduções não simplificam: elas convidam à escuta lenta, à leitura com paciência, e à abertura para o estranhamento produtivo que todo texto antigo provoca. Nesse tocante, a tradução realizada funciona como um gesto de

escuta intertemporal, uma vez que, o estudo da literatura medieval não se dá em isolamento. Em sua prática intelectual, a pesquisadora fez esses textos conversarem com autores contemporâneos, poetas da diáspora africana, escritores brasileiros marginalizados e vozes femininas silenciadas. Essa articulação revela que a palavra medieval pode dialogar com o contemporâneo, iluminar tensões atuais, e que o passado pode ser revisitado como forma de questionar o presente.

Ao propor aproximações entre autores distantes no tempo, Ângela Vaz Leão não se limitou à análise comparativa: instaurou uma ética da leitura que desafia fronteiras cronológicas, culturais e estéticas. Sua abordagem não hierarquiza estilos, não impõe silenciamentos, nem delimita o valor dos textos por sua origem ou época – ao contrário, enxerga na diversidade dos discursos a possibilidade de criação de sentidos múltiplos e renovados. A leitura, nesse contexto, torna-se um gesto delicado de escuta entre mundos que nunca se cruzaram, mas que compartilham silêncios, urgências e inquietações semelhantes.

Essa prática intertextual não é apenas um recurso metodológico, é resistência à fixação de cânones, à linearidade que exclui vozes periféricas, à rigidez que impede a circulação simbólica das palavras. Ao entrelaçar tempos, línguas e vozes, Ângela revela que ler é também costurar: com escuta, com crítica, com afeto. É nesse gesto que a literatura se abre como travessia. Seu percurso intelectual mostra que os textos antigos não são vestígios fossilizados: são arquivos de sentido que, quando ouvidos com atenção, revelam as perguntas que ainda não cessamos de fazer. Sua escuta crítica transforma o estudo do passado em experiência viva.

5. *Literatura em movimento: Diálogos entre passado e presente*

Para Ângela Vaz Leão, a literatura não se restringe a arquivos ou linhas cronológicas. Ela pulsa como um organismo vivo que atravessa o tempo e reconfigura sentidos a cada leitura. Ler um texto antigo, em sua prática intelectual, é sempre interrogar o presente; e reconhecer a potência dos autores contemporâneos, é muitas vezes visitar formas ancestrais de dizer o mundo. Essa intertemporalidade, presente em sua produção e na sala de aula, é mais que um método, uma forma de escuta.

No diálogo entre obras medievais e modernas, Ângela revela como os temas aparentemente distantes, a espiritualidade, a natureza, o poder, o afeto atravessam séculos com variações estilísticas, mas com in-

quietações recorrentes. Para ela, a literatura não evolui em linha reta: ela se dobra, se refaz, se espraia em camadas que se encontram nas margens e nas entrelinhas.

Ao aproximar autores como Afonso Lopes Vieira e Conceição Evaristo, ou cruzar textos trovadorescos com poetas como Adília Lopes, Ângela propõe leituras que tensionam a noção de cânone. Essas conexões revelam que a escuta crítica exige atravessar fronteiras estéticas, geográficas e temporais e reconhecer que há diálogo possível entre vozes que escreveram sob diferentes condições de enunciação.

Em seus trabalhos, a palavra é pensada como um fio que costura saberes: seja na tradução, na análise literária ou na organização de coletâneas. A literatura, para Ângela, é um espaço onde memórias se reconstroem e novos sentidos se produzem. Por isso, o texto antigo não é passado encerrado, mas convite à reinvenção, retextualização.

Na formação docente, ela incentiva práticas que tornam o ensino da literatura menos cronológico e mais experiencial. Lê-se o texto medieval não para “entendê-lo como era” (Vaz Leão, 2012), mas para ver o que ele faz com quem o lê hoje. Do mesmo modo, a literatura contemporânea é escutada com atenção aos ecos que carrega vozes que talvez tenham começado a falar há muitos séculos.

A obra de Ângela Vaz Leão se revela como um trajeto onde os textos caminham juntos, apesar das distâncias. A literatura é movimento porque escuta, responde e transforma. E a escuta crítica que ela propõe transforma cada leitura em uma travessia.

6. A palavra como ponte: Conexões entre o texto antigo e o contemporâneo

Em sua trajetória intelectual Ângela Vaz Leão, a palavra não foi um ponto de partida nem de chegada, mas uma ponte entre tempos, entre vozes, entre sujeitos que escreveram em condições históricas distintas, mas que partilharam inquietações que desafiam o silêncio. O gesto de ler, para Ângela, foi também o de tecer temporalidades por meio da escuta crítica, tornando a linguagem um espaço de reencontro entre o passado e o agora.

Ao ler textos clássicos, trovadorescos, filosóficos ou espirituais, ela não buscou arqueologia textual, mas sim reverberações. Sua escuta

foi capaz de reconhecer, em poemas medievais ou narrativas épicas, os embriões de questões que ainda nos atravessam: o poder da palavra, o lugar do feminino, a luta por nomeação. Essa escuta transforma o texto antigo em matéria viva.

A tradução desempenhou um papel fundamental nessa ponte. Traduzir, para ela, não foi apenas verter sentidos de uma língua para outra, foi habitar o texto por dentro, reimaginar seus ecos, suas camadas, suas cicatrizes. Era como escutar uma voz antiga que ainda sussurra, e encontrar nela uma respiração possível para o presente. Em suas práticas tradutórias, a palavra ganhou novo fôlego: foi desenterrada com cuidado, sustentada em sua sonoridade arcaica, e ao mesmo tempo desafiada a dialogar criticamente com o leitor contemporâneo. Cada tradução, nesse sentido, tornou-se um gesto duplo, de respeito pela origem e de abertura para o reencontro. Não se tratava de domesticar o texto, mas de interligar fronteiras, acolhendo seu estranhamento sem apagá-lo. A tradução, para Ângela Vaz Leão, era uma escuta radical: um exercício de paciência, afeto e rigor, onde o tempo não se rompe, mas se entrelaça. Uma forma delicada de permitir que o passado fale e que o presente o responda com sensibilidade.

Na análise de obras africanas e afro-brasileiras, Ângela propôs aproximações com textos ancestrais europeus, revelando como temas como oralidade, espiritualidade e resistência ecoam em múltiplas tradições. A literatura, nesse processo, não é comparada, mas colocada em travessia, em uma troca que amplia sentidos e desafia hierarquias.

Na sala de aula, essa ponte se transformava em prática pedagógica. Ela estimulava seus estudantes a lerem o texto clássico com olhos de quem vivia o presente e a receberem o texto contemporâneo como parte de um ciclo mais longo de vozes. O ensino literário que sugeria era intertemporal, crítico e afetivo, uma escuta que respeitava a origem e revelava os caminhos da linguagem. A palavra, para Ângela Vaz Leão, não era instrumento, era morada e travessia. Ela unia vozes que nunca se encontraram, mas que sempre dialogaram silenciosamente. Nessa travessia não se constrói pontes, não apenas entre textos, mas entre mundos.

7. Conclusão

A trajetória intelectual de Ângela Vaz Leão representa uma contribuição singular, duradoura e transversal à educação, à literatura e à

pesquisa acadêmica no Brasil. Em sua atuação como docente, pesquisadora e tradutora por mais de seis décadas, edificou um legado pautado na escuta crítica, na valorização da linguagem como instrumento de formação ética e na promoção de uma pedagogia que reconhece o sujeito em sua complexidade: plural, histórico e sensível.

Seu pensamento educacional ultrapassa os limites disciplinares e revela a literatura como território de travessia, espaço em que tradição e contemporaneidade se entrelaçam, possibilitando práticas formativas que reconhecem a alteridade, acolhem vozes marginalizadas e promovem a construção coletiva do conhecimento. Ao tratar a linguagem como gesto político e como mediação entre sujeitos, Ângela reafirma o papel da educação na formação de consciências críticas comprometidas com o diálogo e com o enfrentamento das exclusões simbólicas.

Sua produção não se limita aos marcos de excelência acadêmica, mas se estende como prática viva que articula saber e afeto, método e alteridade. Ângela construiu pontes entre tempos, vozes e disciplinas, revelando que a formação não é apenas um processo de instrução, mas de escuta comprometida e leitura generosa do mundo. Ao se debruçar sobre textos medievais, literaturas africanas, traduções e práticas de leitura, propôs uma educação que emerge da palavra e se consolida na experiência de compreender o outro em sua integralidade.

A transversalidade de sua atuação revela uma autora que ultrapassa os limites institucionais e os cânones tradicionais, fazendo da linguagem um território de travessia, onde se entrelaçam ética, estética e memória. Sua pedagogia não impunha sentidos: provocava encontros. E sua escrita não pretendia ensinar a partir da autoridade, mas abrir espaços para que novos sentidos fossem escutados, reimaginados e compartilhados.

Mais que nos textos publicados, o impacto de sua obra reverbera na memória afetiva de estudantes, colegas e leitores tocados por seu rigor, sua generosidade e sua capacidade de entrelaçar saber e sensibilidade. Este dossiê, ao reunir fragmentos de sua atuação, não apenas registra uma trajetória de excelência: reafirma seu papel como referência intelectual comprometida com os valores que sustentam a cultura, a cidadania e uma educação transformadora.

A atuação intelectual de Ângela Vaz Leão foi decisiva para o desenvolvimento do campo das Letras no Brasil, não apenas pelo seu pioneirismo institucional, mas pela amplitude e profundidade de sua produção acadêmica e ética educacional. Como fundadora e primeira diretora

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ela participou ativamente da estruturação curricular e da criação da primeira pós-graduação em Letras da instituição, contribuindo para consolidar a pesquisa e a formação docente no país.

Seu compromisso com a educação ultrapassava os limites burocráticos, praticou uma pedagogia baseada na escuta crítica, na valorização da linguagem como mediação entre culturas e na construção de uma formação humana. Atuou na UFMG e, posteriormente, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), impactou gerações de estudantes e pesquisadores com sua sensibilidade pedagógica, seu rigor conceitual e sua capacidade de articular tradição e contemporaneidade.

Como tradutora e pesquisadora, destacou-se pelos estudos sobre literatura medieval, especialmente as “Cantigas de Santa Maria”, de Afonso X, promovendo uma escuta estética e cultural entre o passado e o presente. Simultaneamente, abriu caminhos para as literaturas africanas de língua portuguesa no cenário acadêmico brasileiro, ampliando o repertório crítico e reafirmando o papel da literatura como espaço de interculturalidade.

Sua atuação também se consolidou institucionalmente ao presidir a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), fortalecendo os debates teóricos em torno da linguagem e da formação docente. Reconhecida por diversas honrarias nacionais e internacionais, como a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico e o título de *Officier des Palmes Académiques* concedido pelo governo francês, Ângela Vaz Leão é hoje referência incontornável na história das Letras.

Ela continua entre nós, pois sua obra permanece como convite: a escutar com delicadeza, a ler com profundidade e a formar com responsabilidade. No entrelaçamento entre ensino, pesquisa e ética, construiu um legado que continua a orientar os horizontes do pensamento crítico e humanista na universidade brasileira.

Deixo uma dedicatória à Professora Ângela Vaz Leão,

Mestra que, como Têmis, ensinava com equilíbrio entre firmeza e escuta,
entre rigor conceitual e generosidade ética.

Nos encontros de orientação, líamos página por página
e seus comentários, atentos e delicados,
iam além do texto e alcançavam o gesto de ensinar.

Com ela, aprendi que a linguagem forma, transforma e acompanha.
Seus conselhos sempre vinham acompanhados de perguntas sobre meus próprios alunos,

como quem se importa não apenas com o saber,
mas com a maneira como ele é compartilhado.
Por sua presença luminosa na minha formação,
por seu compromisso com o humano que habita a palavra,
esta dedicatória é um testemunho da gratidão que permanece.
Regina (2025)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEÃO, Ângela Vaz. *O período hipotético iniciado por “se”*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1961.

_____; PIMENTA, Aluísio. *Sociedade e atualidade*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2000.

_____; FERREIRA, Amauri Carlos. *Os Gregos*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002.

_____. *Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

_____. *Henriqueta Lisboa: o mistério da criação poética*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. Horizonte: PUC Minas, 2006.

_____; MOREIRA, Samuel; JOSÉ, Johnny. *José Lourenço de Oliveira – legado e testemunhos*. Belo Horizonte, 2006.

_____. *Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2007.

_____. *Novas leituras, novos caminhos*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2009.

_____. *História de palavras*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012. 216p.

_____; FULGÊNCIO, Lúcia; SILVA, Melânia. *Um Apólogo: de Machado de Assis em seis vozes*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2015.

_____; ASSUNÇÃO, Fransmarina; ANTUNES, Carolina. *Cantigas autobiográficas de Afonso X, o Sábio*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2016.